

O que vem por aí

J.r. Whitaker Penteado

"Noventa por cento dos políticos dão má reputação aos outros dez por cento". Henry Kissinger

Além da ignorância, da dificuldade de expressar-se em português e de uma aguda incapacidade de relacionar causa com efeito, há um outro traço comum aos milhares de candidatos que se apresentam a nós pelo rádio e pela TV, através do horário "gratuito" do TSE. É a mesma cantilena entoada por todos, sem exceção: se eleito, eles vão dar alguma coisa ao povo – sejam melhores salários, novos hospitais, escolas e/ou creches, pão, circo, alcalóide à vontade ou prostitutas bonitas pra namorar – todos acenam com uma nova Pasárgada, em que a tônica é que todos serão amigos do rei e todos vão receber alguma coisa.

Há uma lógica – ainda que perversa - no discurso dessas senhoras e desses senhores. Eles aprenderam que este é o seguro caminho do sucesso nas urnas. Talvez o único. Este mundo que, para alguns de nós (muito poucos) é fantasioso, utópico, em que o estado dá e o povo recebe – é o mundo em que vive, emocionalmente, de 70% a 80% do eleitorado brasileiro e que detêm, portanto, votos mais do que suficientes para eleger a maioria dos vereadores, dos deputados, senadores e – claro – também os prefeitos, governadores e o presidente da república.

É fácil constatar isso, se V. gosta de números. Vá ao site do TSE http://www.tse.gov.br/sieeleitoradoweb/eleitorado/inc_eleitorado.jsp que contem as informações sobre os eleitores brasileiros em agosto de 2008. V. encontrará uma série de informações, mas as importantes estão em faixa etária e grau de instrução. Estariam em sexo, mas a relação atual é quase 50-50 com uma pequeníssima predominância das mulheres.

Nas faixas etárias, é insignificante o número de eleitores jovens entre 16 e 18 anos: 2,24%. O contingente que decide tem de 18 a 44 anos, somando 61,37%. Gente mais madura – com mais de 45 anos – chegam a 36% (um número que não é de jogar fora...)

Considerando que o TSE não estabelece margens para classes socioeconômicas – como os institutos de pesquisa privados – as cifras mais reveladoras são para grau de instrução. Ainda que muitos reclamem que as faculdades "despejam" milhares de formados, todo ano, no mercado de trabalho, não passam de 3,52% os eleitores brasileiros com curso superior. Não elegem (os) ninguém!

Entretanto, mesmo recrutando todos os eleitores que terminaram o segundo grau, nosso grupo não passa dos 18,17%. E pasme: ainda que somando os que cursaram o primário, o número não chegará a metade do eleitorado. Dessa forma, 81,83% do eleitorado não chegou a terminar o grau médio e cerca de 56% não conseguiram cursar todo o primário. Os números variam pouco entre o interior e a cidade. Os "doutores" são 7,53% na cidade de S. Paulo e os que estão abaixo do primário completo somam pouco mais da metade (55%).

Assim, talvez eu deva pedir perdão, mas acho que os números do TSE comprovam o que afirmei acima: o eleitorado brasileiro tende a acreditar que o governo dá e o povo recebe – e é desse jeito que vai votar. Logo, tão cedo, nada deve mudar.

Fonte: Propmark, São Paulo, 29 set. 2008, p. 4.